

- 1) ferreira gullar criou uma colagem de rinoceronte especialmente para o "poema em vão (poema unglado)". como foi que isso aconteceu?

No lançamento de *Alguma parte alguma*, do Gullar, encontrei sua companheira, a poeta Cláudia Ahimsa, amiga que não via há muitos anos. Ela me disse gostar muito do Poema em vão, mas que não tinha o livro em que ele estava. Enviei para ela *A Fronteira Desguarnecida*. Semanas depois, ela me escreve contando que o Gullar ligou no momento em que ela acabava de ler o poema e, percebendo que ela estava chorando, perguntou o motivo. Cláudia leu o Poema em vão para ele ao telefone, chorando de novo. Gullar fez um longo silêncio e disse: “- É bonito. De quem é?”. Ela contou, então, a ele, o encontro marcante que teve com um rinoceronte livre, num safári na selva nepalesa antes de se conhecerem. Dias depois, Gullar aparece com uma colagem de surpresa. Encantada, ela disse: “- Faz um Rino pro Beto?” Dias depois, me convidaram para ir ao apartamento do Gullar e depois jantarmos. Quando chego lá, muita emoção, ao receber o lindo rinoceronte de presente e ver que ele tinha feito vários outros – era o livro “A menina Cláudia e o rinoceronte” se fazendo. Estar no meio do amor da Cláudia pelos rinocerontes, da emoção da Cláudia ao ler o poema, do amor entre a Cláudia e o Gullar, da amizade entre mim e a Cláudia, de tudo isso ter feito o Poema em vão causar um impacto no Gullar (poeta importantíssimo para mim, por quem nutro uma imensa admiração), de ter ganhado a maravilhosa colagem do Gullar e de ter, dessa forma, participado da eclosão de seu último livro é o maior presente que minha poesia já recebeu na vida.

- 2) a sua poesia é marcada pela experiência das fronteiras da poesia com a filosofia e também com a "indeterminância", para usar o termo de marjorie perloff, nos seus arranjos. fale um pouco sobre isso.

A poesia é um lugar em que as forças estão lançadas: as da vida pessoal, da coletiva, da natural, da vida simplesmente vida, do pensamento, dos afetos, das nuances entre o que pode e o que não pode ser dito, do cotidiano, do urbano, do arquivo da tradição em potência, das ruas, do que a princípio nada tem a ver com a arte, dos restos, do inesperado, mas também dos clichês... todas essas forças são de grande importância para se chegar à intensidade da poesia. Sobre os arranjos, há no livro novo o “Perfil parcial de um procedimento, escrito por Caio Meira”, em que coisas sobre eles são ditas, e o excelente ensaio de Maurício Chamarelli ([http://www.albertopucheu.com.br/pdf/ensaios/mauricio\\_chamarelli.pdf](http://www.albertopucheu.com.br/pdf/ensaios/mauricio_chamarelli.pdf)).

- 3) você está publicando um livro novo de poesia este ano, após um período longo sem publicar. poderia falar um pouco sobre ele e o que difere dos livros anteriores?

Apesar de a poesia reunida ser de 2007, o último poema havia sido escrito em 2002. O novo livro começou a se fazer após 8 anos sem escrever uma linha do que se chama de poema. Nele, a cidade, presença marcante desde o começo de minha trajetória, ganha um contorno mais decisivamente político. Um dos poemas de que mais gosto tanto deste livro inédito quanto de toda a minha produção é “Poema para ser lido na posse do presidente”, publicado no Prosa & Verso, no dia anterior ao primeiro turno da última eleição para presidente. Ele requeria essa dimensão pública no momento oportuno. Dele, se desdobraram três outros, partindo do terrorismo contemporâneo para desmontá-lo. Se a poesia reunida terminava com 5 poemas do universo do boxe, agora, 5 são oriundos do surfe de ondas gigantes, paradigmático para questões limítrofes da vida e da poesia. De modo para mim até então original, poemas que buscam dar voz à experiência amorosa de nossos dias se sobressaem. E os escritos no Vale do Socavão, onde tenho passado a maior parte do meu tempo. Penso que características habituais de minha poesia (como os poemas cada vez mais longos) estão ainda mais intensificadas do que anteriormente e abrindo novos campos.